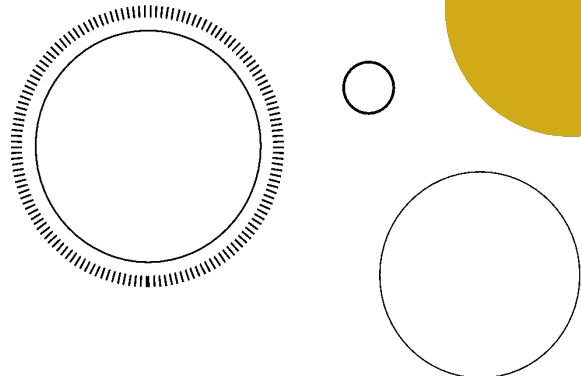


NARRATIVAS DE SI E MEMÓRIA COLETIVA NO FACEBOOK

Self-narratives and collective memory on Facebook

Narrativas del yo y memoria colectiva en Facebook



Barbara Heller¹

Alessandra Lourenço Simões²

Resumo

Narrativas de si, que antes pertenciam ao mundo privado, ganharam caráter público e dinâmico com o advento das redes sociais, entre elas o Facebook. Concluímos, a partir de alguns exemplos e de estudiosos da memória social e das mídias digitais, que esse fenômeno aponta novos contratos de leitura e de escrita, potencializa novos rearranjos de socialização, bem como rompe fronteiras que separam a esfera privada da pública.

Palavras-chave: Narrativas de si. Memória individual e coletiva. Memória Digital. Rede Social

Abstract

Self-narratives, which before belonged to the private world, got a public and dynamic character with the advent of social networks, including Facebook. We conclude, based on some examples, on social memory scholars and digital media, that this phenomenon points to new reading and writing contracts, leverages new rearrangements of socialization, and breaks down boundaries that separate the private from the public sphere.

Keywords: Self- narratives. Individual and collective memory. Digital Memory. Social network.

Resumen

Narrativas del yo, que antes pertenecían al mundo privado, han ganado un carácter público y dinámico con la llegada de las redes sociales, incluido Facebook. Concluimos, basándonos en algunos ejemplos y estudiosos de la memoria social y los medios digitales, que este fenómeno apunta a nuevos contratos de lectura y escritura, potencia nuevos reordenamientos de la socialización, así como la ruptura de los límites que separan la esfera privada de la pública.

Palabras-clave: Narrativas del yo. Memoria individual y colectiva. Memoria digital. Red social.

¹ Doutora. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo. SP- Brasil, b.heller.sp@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-8997-0155>

² Doutora; FATEC Rubens Lara, Santos, SP - Brasil. ales1308@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-6833-9498>

Introdução

Redes sociais virtuais tornaram-se espaços privilegiados para registros de narrativas pessoais, a partir dos anos 2000, com a popularização da internet (SANTIAGO de SÁ & HELLER, 2018, p. 34). Por meio delas passamos a produzir e a receber, incessantemente, conteúdos por meio de textos, fotos, vídeos e outros recursos multimídia. O Facebook é hoje uma plataforma de comunicação e entretenimento com expressivo número de usuários ativos, algo em torno de 2.910 bilhões espalhados pelo mundo (KEMP, 2022, p. 99). A velocidade do seu crescimento ajuda a compreender essa cifra: para chegar a 50 milhões de usuários, por exemplo, o rádio precisou de 38 anos; a televisão, 23; a internet, quatro, e o Facebook apenas nove meses para superar 100 milhões, quando abriu sua plataforma ao público em geral, em setembro de 2006 (LÓPEZ & CIUFFOLI, 2012, p. 27). Tal desempenho, em tão curto espaço de tempo, justifica sua escolha como objeto para refletirmos sobre o caráter público e dinâmico que as narrativas de si, como passaremos a chamá-las, ganharam na contemporaneidade.

Em tempos não muito distantes, isto é, até o final do século XX, nosso cotidiano era registrado exclusivamente na esfera privada, isto é, no lugar que “abriga coisas ocultas aos olhos humanos e impenetráveis ao conhecimento humano” (ARENDT, 2007, p. 72) e que protege a intimidade (ARENDT, 2007, p. 48). Na analogia que agora propomos, os diários particulares cumpriam a mesma função, ou seja, a confissão de intimidades em ambiente seguro, aos quais tinha acesso apenas quem fosse autorizado ou burlasse a privacidade alheia.

Atualmente, narrativas de si são publicadas para circularem, serem lidas e comentadas publicamente. Acessadas por quem “segue” esses perfis ou por amigos de amigos, ampliam,

potencialmente, o círculo social digital e redes de influência, graças às diferentes configurações de privacidade (LÓPEZ & CIUFFOLI, 2012, p. 63).

Por meio de filtros, o Facebook veicula imediatamente as percepções dos mais variados acontecimentos de seus usuários: desde o interesse em eventos, de terem sido adicionados em um grupo, estado de humor, dos locais por onde passaram, além de vídeos e fotografias em que “marcam” terceiros e a si mesmos etc. Em outras palavras:

no Facebook há sempre um ‘eu’ que comunica, que diz, que publica, que comenta, e isto é claramente uma herança dos blogs, que constituem ‘uma genuina expressão das ‘tecnologias do eu’, na qual o autor, sem nenhum tipo de intermediação editorial e graças a um sistema muito eficiente de gestão de conteúdos, se converte em um ‘global publisher’, uma voz pessoal que pode falar a todo o mundo’ (ORIHUELA, 2007 como citado em LÓPEZ & CIUFFOLI, 2012, p. 58)³.

Trata-se, assim, de textos em que imperam a subjetividade, a confissão e, talvez o mais importante: a crença na verdade e na sinceridade. O Facebook é alimentado e frequentado por pessoas de todas as idades, gêneros e estratos sociais, desde que tenham acesso à internet, conheçam o idioma em uso, familiaridade com a escrita e com as várias modalidades de leitura. Afinal, o “Facebook é, antes de tudo, um espaço de escritura” (LÓPEZ & CIUFFOLI, 2012, p. 100) e de circulação (LÓPEZ & CIUFFOLI, 2012, p. 104), mas com particularidades que o diferenciam dos impressos: não há como hierarquizar parágrafos, usar negrito ou itálico, trocar as cores ou os tipos das fontes, além de espaço e tempo não serem fixos.

³ Tradução nossa. No original: “En Facebook siempre hay un ‘yo’ que comunica, que dice, que publica, que comenta, y en esto es claramente heredero de los blogs, que constituyen ‘una genuina expresión de las ‘tecnologías del yo’, en las que el autor, sin ningún tipo de intermediación editorial y gracias a un sistema muy eficiente de gestión de contenidos, se convierte en un ‘global publisher’, una voz personal que puede hablarte a todo el mundo’.”

Raramente esses textos são revisados, uma vez que os usuários não se preocupam com a norma culta e não pretendem conservá-los ao longo do tempo, graças às inúmeras publicações que surgem mundialmente a cada segundo.

Embora não tenham sido escritas para perdurar, essas narrativas ficam armazenadas na plataforma e podem ser acessadas por meio de suas ferramentas. Com o passar do tempo (normalmente, quando completam um ou mais anos), tornam-se memórias ou lembranças republicadas automaticamente pelos algoritmos, permitindo aos seus autores e a seus amigos visualizá-las novamente.

O ato de narrar, por ser uma característica humana, realizado inúmeras vezes, todos os dias, ao longo de toda a vida das pessoas, já mereceu atenção de muitas áreas de conhecimento. Trataram das narrativas desde a análise do discurso, como Michel Foucault, em *A ordem do discurso* (1996), a sociologia, como Pierre Bourdieu, em *Usos e abusos da história oral* (2006), a psicologia social, como Eclea Bosi, em *Memória e sociedade* (1994), para destacar apenas alguns.

Neste artigo, destacamos os estudos da comunicação, da narrativa, da memória social e da filosofia de: Maurice Halbwachs, autor de *Memória coletiva* (1990); Philipe Nora, de *Entre memória e história: a problemática dos lugares* (1993); Sergio da Silva Barcellos, de *Escrita do eu, refúgio do outro* (2020); Luís Mauro Martino, de *De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade* (2016); Gleny Duro Guimarães, de *Aspectos da teoria do cotidiano* (2002); Philipe Lejeune, de *O pacto autobiográfico* (2014); e Hanna Arendt, de *A condição humana* (2007), entre outros.

Este artigo tem, portanto, como objetivo analisar qualitativa e teoricamente como as narrativas de si, originalmente da esfera privada, se transformam em memórias coletivas e públicas por meio de novos contratos de escrita, de circulação e de leitura. Para isso, usaremos exemplos extraídos da própria plataforma para compreendermos, por meio de análise descritiva, as diferentes familiaridades e interações

estabelecidas pelas suas regras e seus algoritmos. O artigo organiza-se em torno de dois eixos: o primeiro discute a importância da narrativa na vida cotidiana e suas implicações na memória social; o segundo analisa o Facebook e sua contribuição para a formação da memória coletiva digital em detrimento da privada.

Narrativa, cotidiano e memória

O ato de narrar acompanha o ser humano desde seus tempos primórdios e seus suportes se adéquam conforme a tecnologia avança ao longo dos muitos milênios:

. . . narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. As gravações em pedra nos tempos da caverna, por exemplo, são narrações. Os mitos – histórias das origens (de um povo, de objetos, de lugares) –, transmitidos pelos povos através das gerações, são narrativas; a Bíblia – livro que condensa história, filosofia e dogmas do povo cristão – compreende muitas narrativas: da origem do homem e da mulher, dos milagres de Jesus etc. (GANCHO, 1991, p. 4).

Neste artigo, em que analisaremos narrativas de si por meio do Facebook, partimos da ideia de que narrar nada mais é que relatar fatos, contar uma história na qual personagens transitam em uma ordem cronológica, em um determinado espaço e que se retroalimentam. Entendemos que embora possam conter elementos imaginados, não comprováveis, as narrativas de si são contadas para fazer crer. Estabelece-se um vínculo de confiança entre quem conta e ouve, entre autor – uma pessoa real socialmente responsável e produtora de um discurso – e o leitor (LEJEUNE, 2014, p. 27). A partir de então,

estabelece-se um pacto de confiança, um “contrato implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, contrato que determina o modo de leitura do texto”, mas também um tipo de escrita, “historicamente variável” (LEJEUNE, 2014, p. 54).

Como lembra Walter Benjamin, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (1994, p. 198). Para Martino (2016, p. 42), vínculos sociais imprevistos podem ser criados pelas narrativas, pois ao contar histórias compartilhamos, com outras pessoas, sem controle, fatos, recordações, sentimentos, sendo “um momento privilegiado para se pensar e entender o ato comunicacional como uma forma de encontro com o outro”. Ainda segundo o mesmo autor (2016, p. 44), narrar é “elaborar um conjunto de enunciados que faça algum sentido em si mesmo dentro de uma perspectiva compreensível a respeito de fenômenos”.

É a partir das narrativas que tomamos conhecimento de boa parte dos acontecimentos, sem necessariamente estarmos presentes no momento do evento. Isso se dá tanto para as narrativas pessoais e do dia a dia quanto para as narrativas jornalísticas e de outras categorias (Martino, 2016, p. 44). Em se tratando do cotidiano, podemos considerá-las, de acordo com Guimarães (2002, p. 11), como a “representação social do dia a dia”, ou seja, as ações que realizamos rotineiramente. Por intermédio delas, ressignificamos os acontecimentos diários previamente selecionados, ou seja, narramos somente fatos que gostaríamos que se tornassem públicos.

Para Guimarães (2002, p. 12), as escolhas sobre o que será narrado acabam por determinar os valores atribuídos aos acontecimentos e fatos, ou seja, podemos narrar somente aquilo que entendemos como importante, sob nossa perspectiva. Martino (2016, p. 45) afirma que a escolha do que será narrado

pode traduzir a maneira como conhecemos a realidade ou entendemos o mundo e, assim, contamos aos outros:

O ato de narrar, se por um lado é dirigido a uma exterioridade, por outro lado não pode ser separado de uma interioridade que deve apreender, anteriormente, os elementos do que será contado: em outras palavras, só posso contar uma história na medida em que aprendo e componho os fatos que serão transformados nos elementos fundamentais dessa história; no entanto, essa apreensão acontece exclusivamente de acordo com meus próprios modos de conhecer, que, longe de serem exclusivamente meus, são constituídos ao longo de minha vida, de meus relacionamentos, de minha trajetória dentro da sociedade. Narro a partir do que sei, mas o que sei está ligado diretamente às condições que tenho para conhecer a realidade.

Ao narrarmos nosso cotidiano aos outros estabelecemos relações, formamos redes de conhecimento e significações, criamos um espaço social e um lugar de experiência, isto é, apresentamos “a relação dos seres humanos com as coisas e a relação dos seres humanos entre si” (LACOMBE, 2008, p. 159).

Também podemos narrar o nosso cotidiano apenas para nós mesmos, em um diário pessoal ou íntimo. Ali relatamos por meio de textos, figuras, fotos, entre outros recursos, os acontecimentos diários que julgamos mais importantes para nossa leitura posterior (LIMA & SANTIAGO, 2010, p. 23).

Entendemos que as narrativas de si, em uma plataforma como a do Facebook, aproximam-se da noção de diário defendida por Barcellos:

. . . um espaço de relação, de convivência, de vivência e de desempenho de funções (existenciais, sociais, religiosas, etc.), apontando para o sentido oposto do estigma de

refúgio do eu, a começar pela forma como o eu se reconhece: não mais como centro, mas como parte de um todo (2020, p. 4).

Narramos nosso cotidiano com certa “entonação”, isto é, selecionamos todos os fatos que mais chamaram nossa atenção em detrimento de outros eventos, tornando-os mais importantes, diferentemente de outras testemunhas, que poderiam considerá-los menores. É essa seleção subjetiva que acaba por mostrar nossa maneira de ser e de estar no espaço-tempo, pois nunca os mesmos eventos são tratados da forma igual por todos (GUIMARÃES, 2002, p. 15).

Essa autora ainda pondera (2002, p. 20) que, possivelmente, muitos narradores acham seus cotidianos pouco atraentes e acabam por inventar rotinas que nunca existiram, hipótese que confirma a necessidade de contrato pensado por Lejeune, sem o qual essas narrativas deixariam de circular.

Tais narrativas de si, independentemente dos seus suportes e das verdades que contêm, assim que se materializam, se tornam memórias ou lembranças. Para efeito de clareza, consideramos que a memória é o lugar onde as lembranças são armazenadas como representações (ou reconstruções) de fatos ocorridos no passado, carregadas de fator emocional, mas nem sempre acessadas. Compartilhamos com Bergson que

o passado se conserva indefinidamente. A memória... não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-la num registro . . . Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. . . O mecanismo cerebral é feito precisamente para recalcar a quase totalidade do passado no inconsciente e só introduzir na consciência o que for de natureza que esclareça a situação presente . . . (2006, pp. 47-48).

Uma vez que a memória é “recalcada”, conforme lembra Bergson, a ideia de memória coletiva, pensada por Maurice Halbwachs, ajuda-nos a entender os mecanismos por meio dos quais, ainda assim, muitas delas são ativadas: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Silva, em seu trabalho, retoma as considerações de Halbwachs (1990) sobre seu conceito de lembrança:

As lembranças, sobretudo, são representações que se baseiam, mesmo que em partes, em testemunhos e deduções, reconstrução, especialmente nos seguintes aspectos: de um lado porque não é mera repetição dos fatos/eventos/vivências que se estabeleceram no passado, mas acima de tudo, por ser responsável pelo resgate desses acontecimentos, que se dão a partir de interesses e preocupações atuais . . . (SILVA, 2016, p. 251).

Segundo Pollak (1989, p. 13), a memória ordena os acontecimentos da história de vida das pessoas, dá certa coerência e organização cronológica, baliza a existência por meio de laços lógicos de acontecimentos, os quais selecionamos ou consideramos como “chave”: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembrar, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (Pollak, 1992, p. 5). Ou seja, a partir da narração da memória, ativamos acontecimentos, fatos, objetos ou eventos do passado ao tempo presente, seguindo uma certa ordem cronológica e seleção:

O ato de relembrar e reconstruir o passado partindo do presente tem grande importância não apenas para aquele que lembra, pois as vivências de cada um podem contribuir para

a análise de uma conjuntura do cotidiano, dos valores e da cultura de uma sociedade (AMORMINO, 2007, p. 1).

Para Halbwachs (1990, p. 71), o contexto em que se vive influencia a reconstrução da memória, alterando a imagem passada. A lembrança é pensada como “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”.

Já para Amormino (2007, p. 8), a experiência passada se mistura à experiência presente quando a memória é relatada, e o que era individual acaba por servir de instrumento para a construção do relacionamento com o outro e transformar a memória em coletiva e social. O ato de lembrar, de trazer a memória à tona é “... refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (AMORMINO, 2007, p. 9).

A partir dessa narrativa de memória, despertamos o sentimento de pertencimento social, de inclusão, de reafirmação de identidade coletiva:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis (POLLAK, 1989, p. 9).

Para reconstruir o passado à luz do presente, basta um cheiro, um barulho, uma cor, um objeto, paisagem ou qualquer outra coisa que reactive a lembrança, conforme Pollak (1989, p. 11). Para esse autor (1989, p. 10), a memória está presente em diversos lugares e objetos, conforme afirma: “A memória é assim guardada e solidificada nas pedras: as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX e, atualmente, os edifícios dos grandes bancos”.

Nora (1993, p. 9) afirma que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”, é carregada pelos seres humanos ao longo do tempo e da sua evolução como um elo presente que se “alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções”. A memória é a vida carregada por grupos vivos, uma hora lembrada e outra esquecida, “vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinhas revitalizações” (Nora, 1993, p. 9).

Vimos rapidamente, até agora, que os estudiosos da memória social aqui trabalhados ora privilegiam a memória informal, como a oralidade, ora a formal e simbólica, como textos, imagens, objetos etc. Graças a essa diversidade de categorizações é que se tornou possível analisar, teoricamente e no campo da comunicação, narrativas de diferentes grupos sociais em plataformas impensáveis há menos de 20 anos, como o Facebook.

Facebook como ferramenta de narração do cotidiano e memória coletiva digital

O desenvolvimento da internet trouxe diversas mudanças para a vida social, dentre elas a possibilidade de comunicação, expressão e sociabilização mediada por computador (RECUERO, 2009,

p. 24). As redes sociais, entendidas aqui como “agrupamentos complexos instituídos por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação” (Recuero, 2009, p. 13), partilham conteúdos em forma de textos, vídeos, imagens e outros recursos multimídia em larga escala. Para Castells, entre suas características, destaca-se o processamento de “mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infinidável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo” (2013, p. 15).

A transmissão massiva de conteúdo é adotada pelo Facebook, lançado na internet em 4 de fevereiro de 2004, exclusivamente para universitários, por quatro colegas da Universidade de Harvard, entre eles, Mark Zuckerberg, atual presidente, e o brasileiro Eduardo Savarin, como mostra o filme A rede social (RUDIN et al., 2010). Desde 2006, aberta a todos os tipos de usuários, ainda é uma das plataformas⁴ mais acessadas, apesar da concorrência com outras redes sociais, especialmente entre os mais jovens.

Seu sucesso pode ser explicado, entre outros motivos, pela reunião de diversos recursos em uma única plataforma, entre os quais destacamos: 1. Hipertexto: interação entre pessoas tão logo se cria um perfil (página na rede social liberada para postagens e acesso mediante identificação e senha pessoal); escrita e leitura não sequenciais, colaborativa e existência de links. 2. Algoritmos que controlam conteúdos e memórias. 3. Monopólio de uma única empresa. 4. Produção de textos em rede. 5. Compartilhamentos de conteúdos.

Se tais características fazem do Facebook um novo suporte para diários digitais contemporâneos, “. . . um espaço de registro de acontecimentos” (HENRIQUES, 2017, p. 129), não podemos ignorar que os algoritmos modulam conteúdos e memórias conforme os cliques dos usuários e que o monopólio de

⁴ Entendemos por plataformas os aplicativos ou sistemas de redes sociais que utilizam a internet para sua execução.

uma empresa dos dados de quase três bilhões de pessoas ao redor do mundo podem ser empregados para, à revelia de seus usuários, vazar informações, alterar comportamentos, hábitos de consumo, sociabilidades, disseminar desinformação. As organizações privadas podem, ainda, encerrar suas atividades sem aviso prévio e reter todos os registros digitais, deixando os usuários desprovidos de suas próprias memórias. Ou seja: confiar todos os relatos de uma vida nessas instituições é arriscar perder tudo.

Ainda que essas ameaças sejam reais e pertinentes, entendemos que cabe a cada usuário decidir o que vai narrar na sua linha do tempo (ou timeline⁵), seguindo sempre a legislação vigente a respeito de notícias falsas ou de outros delitos como falsidade ideológica, calúnia e difamação, considerados crimes, com penas previstas no Código Penal Brasileiro. Também determinamos para quem a mensagem se torna visível quando marcamos⁶ terceiros, mesmo que não tenham tido participação ou envolvimento. É por meio dessa arquitetura que o acontecimento narrado se torna coletivo, pois está previsto que até mesmo os amigos e amigos de amigos, que não foram sequer marcados, podem comentar, curtir etc.: “... não são apenas os registros pessoais (textos, fotos, etc.) no Facebook que apresentam uma narrativa sobre cada pessoa, mas também as contribuições dos amigos transformam a página pessoal em um arquivo pessoal digital de histórias” (HENRIQUES, 2017, p. 129).

A substituição dos antigos diários pela narração pública nas redes sociais, ao compartilhar imagens, textos, vídeos, incentiva a preservação da memória, mas ao mesmo tempo torna-a vulnerável em decorrência da guarda dessas informações estarem em poder de terceiros (HENRIQUES, 2017, p. 142).

⁵ Página principal do usuário, onde é possível realizar as publicações e ver as publicações dos demais usuários que fazem parte do seu círculo de amizade na rede social (nota do autor).

⁶ Marcar alguém em uma rede social, como o Facebook, significa incluir no seu registro (postagem) outra pessoa para fazer parte da publicação.

Uma alternativa para evitar que essas memórias sejam perdidas é manter uma cópia das fotos ou de suas publicações em texto, em outras ferramentas ou recursos digitais, seja em notebooks pessoais, seja em forma de backup em nuvem⁷.

Mas, se como lembra Bergson, “o passado, sempre em andamento, se avoluma sem cessar de um presente absolutamente novo” (2006, p. 52), como ficam os registros depositados diariamente nas redes sociais? Ora, eles também se tornam passado e podem ser reorganizados como memória, mas sob a curadoria dos meios digitais:

As redes sociais, além de suas funções comunicativas e sociais, tornaram-se espaços de registro e preservação de memórias e armazenadoras dos rastros digitais memoriais. Dessa forma, o Facebook acaba reivindicando para si um ‘lugar de memórias’ na internet (HENRIQUES, 2017, p. 123).

Como já antecipamos na Introdução, quando uma postagem completa um ano, por exemplo, ela passa a ser republicada a cada aniversário seguinte, ininterruptamente, na timeline do autor. A princípio, essa lembrança, como é chamada pela rede social, aparece somente para ele e para os que foram marcados, por meio de uma notificação, conforme ilustra a figura 1.

⁷ Backup em nuvem é o armazenamento de uma cópia de qualquer arquivo digital em servidores de terceiros, que oferecem esse serviço de forma gratuita ou paga (nota do autor).



Figura 1 – Notificação do Facebook lembrança do dia.

É possível compartilhá-la novamente, e de forma aberta, para todos os amigos do usuário que, por sua vez, podem novamente não só visualizar, mas também tecer comentários e recompartilhar, conforme ilustra a figura 2.

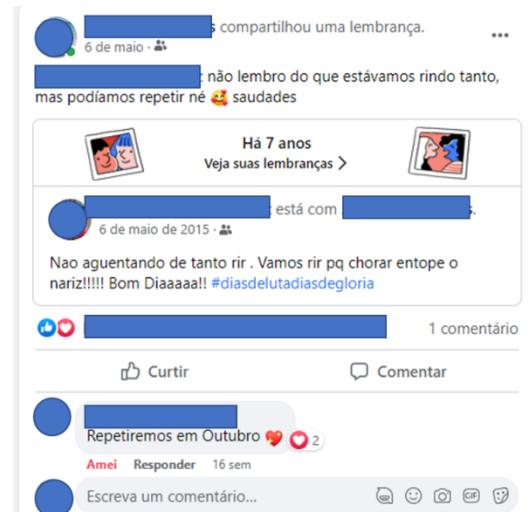


Figura 2 – Lembrança compartilhada na timeline em conjunto com outro perfil.

Essas lembranças, geradas automaticamente pelo Facebook, podem ser entendidas como construções de uma memória coletiva, conforme Maurice Halbwachs:

para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (1990, p. 34).

José Van Djick, em seu livro *Mediated Memories – In the digital age*, aponta a função comunicativa pública do diário. Embora não trate desse conceito, reconhecemos que suas ideias também se assemelham à noção de memória coletiva,

Quando as pessoas leem ou ouvem lembranças narradas por outros, muitas vezes se sentem acionadas ou convidadas a contribuir com suas próprias lembranças . . . Em outras palavras, a subjetividade e a afetividade se constituem em um loop constante de feedback entre o eu e os outros, em que a narração de experiências, memórias e sentimentos dos outros contribuem para a formação do eu (VAN DJICK, 2007 como citado em BARCELLOS, 2020, p. 124) ⁸.

Vimos até agora que diversos autores entendem as mídias digitais, em especial o Facebook, como ferramentas em que as memórias armazenadas são coletivizadas e, portanto, sujeitas a novos sentidos, movimento próprio da constituição da memória social.

⁸ Tradução nossa. No original: "When people read or hear reminiscences narrated by others, they often feel triggered or invited to contribute their own memories . . . In other words, subjectivity and affectivity constitute each other in a constant feedback loop between self and others, where the narration of experiences, memories, and feelings of others contribute to the formation of the self."

Segundo o próprio Facebook (10.out.2018), os vários tipos de conteúdo abaixo podem ser exibidos como recurso de lembrança da ferramenta ou como memória coletiva:

- a) Suas publicações do Facebook;
- b) Publicações no Facebook em que você foi marcado;
- c) Acontecimentos importantes;
- d) Seu aniversário de casamento, caso o tenha adicionado a seu perfil;
- e) Quando você se tornou amigo de alguém no Facebook;
- f) Quando você entrou no Facebook;
- g) As fotos do rolo da câmera do seu dispositivo móvel;
- h) Recapitações do mês ou da temporada anterior.

A rede social ainda informa que fotos em outro dispositivo (celular, computador ou notebook) somente serão exibidas se o usuário as incluir na ferramenta como publicação ou álbum (FACEBOOK, 10.out.2018). O Facebook ainda permite que o mesmo usuário também crie também um álbum digital em seu perfil. Como em álbuns físicos, também é possível acrescentar fotos e descrições e deixar tudo disponível para todos os que quiserem acessá-los, não importando o lugar geográfico ou o fuso horário em que se encontram. Caso alguém queira, voluntariamente, ver lembranças de outros dias também é possível, por meio da mesma opção de configuração de lembranças e selecionando a data desejada para visualização (FACEBOOK, 2018).

Quando o Facebook traz essas lembranças para nossa timeline, o usuário revive os acontecimentos do cotidiano passado no tempo presente, mas que podem ativar sentimentos indesejados. A figura 3 apresenta a tela de configuração do Facebook visualizada em notebook, em que, ao clicar no item “Lembranças”, no menu inicial à esquerda, sua configuração pode ser alterada. É possível, ainda,

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

configurar para que lembranças de um período ou até mesmo compartilhada com outros usuários da rede não mais apareçam para proteger o usuário.



Figura 3 – Configurações de visualização do Facebook.

Porém, podemos observar que, quando a publicação é compartilhada com outros usuários no tempo presente, mesmo que seu autor a tenha configurado para não mais visualizá-la, outro usuário poderá compartilhá-la, conforme ilustra a figura 4.



Figura 4 – Compartilhamento de lembranças em comum por outro perfil: Alessandra e Jurema.

Santiago de Sá e Heller (2018, p. 37) não nos deixam esquecer que algo postado no Facebook, mesmo que apagado por seu autor por arrependimento ou por qualquer outro motivo, pode já não ser mais suficiente para cair no esquecimento, pois “... ele pode ter sido compartilhado por algum seguidor da página e visualizado por várias pessoas antes de ser excluído, por exemplo”. Além de já visualizadas, essas postagens podem ser copiadas e até mesmo replicadas na linha do tempo das pessoas que fazem parte do nosso círculo de amizades na rede, ou seja, “... os percursos das narrativas em análise são totalmente imprevisíveis e desconhecidos” (SANTIAGO de SÁ & HELLER, 2018, p. 37).

Conclusão

Podemos entender as narrativas de si no Facebook como uma versão do século XXI dos antigos diários, pois ainda fazem uso da escrita e da leitura e obedecem aos princípios da verdade, como pensou Lejeune. O que alterou são os novos protocolos de expressão, quando narrativas de si, postadas nos perfis, são continuamente comentadas pelos usuários e rememoradas pelos algoritmos do Facebook, mesmo à revelia das configurações do autor. Nesses casos, conta-se com a sorte de passarem despercebidas, ainda que tenham sido originalmente compartilhadas com outros perfis.

As novas tecnologias permitem atualizações constantes e imediatas do que é narrado, fazendo com que esse novo formato de diário deixe de ser uma representação de uma subjetividade congelada no tempo passado e se torne um processo dinâmico e contínuo de reconhecimento de si por meio do outro.

Tais práticas produzem outras sociabilidades que acabam por deixar ainda mais instável a separação da esfera privada, isto é, a da intimidade, da pública, em que “aquilo que é visto e ouvido pelos

outros e por nós mesmos constituiu a realidade” (ARENDT, 2007, p. 59). Mais uma vez retomamos Hannah Arendt:

As maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública (2007, pp. 59-60).

Não à toa, nesse exercício de tornar o incerto certo, ganham-se e perdem-se amigos e inimigos na velocidade de um clique, pois o que antes era experimentado como memória individual e inacessível é tornada coletiva nas redes sociais, pois “a presença de outros . . . garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (Arendt, 2007, p. 60). No exercício de interações contínuas e republicações, corremos o risco de não mais distinguir com clareza as figuras de autor, isto é, quem primeiro escreve, e a do leitor, daquele que confirma a realidade.

Autores e leitores não são mais figuras tão separadas, pois muitas vezes produzem e reagem aos textos não mais como resposta à necessidade humana de narrar e assegurar a posição que ocupam no mundo, mas como consequência do efeito provocado pelos algoritmos que nos fazem rememorar, incessantemente, mesmo quando queremos esquecer.

Com a internet e as redes sociais, as narrativas de si e a memória ganharam uma nova ferramenta, que atrai milhões de internautas globalmente graças aos inúmeros recursos digitais. Mas ao tornar públicas essas memórias, continuamente acessadas e ressignificadas, podem comprometer a imagem que o usuário queria fazer de si, e o que antes era apenas uma postagem pode se tornar a materialização de

algo que não se consegue mais esconder e conter, inclusive algo que não queria ou não deveria ser mais lembrado.

Esses são alguns dos desafios que os quase três bilhões de usuários do Facebook espalhados ao longo do planeta precisariam assumir, mas as delícias de tornar-se visível e lembrado tornam o mundo digital cada vez mais atraente.

São essas novas formas de expressão, de contratos e protocolos de escrita e de leitura, de crença nos pactos de verdade que precisam ser pensadas à luz dos estudiosos que acionamos no artigo, pois mesmo à nossa revelia, estamos cada vez mais expostos e vulneráveis.

Referências

- Arendt, H. (2007). *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10a ed. Forense Universitária.
- Amormino, L. (2007). Identidade e memória: um olhar a partir dos Estudos Culturais. *Lumina*, 1(2), 1-15. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2007.v1.20985>
- Barcellos, S. S. (2020). *Escrita do eu, refúgio do outro*. Vida por escrito edições.
- Benjamin, W. (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas, Vol. 1). Brasiliense.
- Bergson, H. (2006). *Memória e vida*. Martins Fontes. <https://www.cidadefutura.com.br/wp-content/uploads/BERGSON-Henri.-Mem%C3%A9ria-e-Vida-1.pdf>
- Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança*. Zahar.
- Facebook. (10 out. 2018). Lembranças. <https://www.facebook.com/memories/?source=bookmark>
- Gancho, C. V. (1991). *Como analisar narrativas*. Ática.
- Guimarães, G. D. (Org.). (2002). *Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. Edipucrs.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. (Trad. Laurent Léon Schaffter). Vértice.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

- Henriques, R. M. N. (2017). Narrativas, patrimônio digital e preservação da memória no Facebook. *Revista Observatório*, 3(5), 123-146. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p123>
- Kemp, S. (02 out. 2022). *Digital 2022*. <https://wearesocial.com/es/blog/2022/01/digital-2022>
- Lacombe, M. S. M. (2008). Os fundamentos marxistas de uma sociologia do cotidiano. *Outubro*, 145-172. <http://outubrorevista.com.br/os-fundamentos-marxistas-de-uma-sociologia-do-cotidiano/>
- Lejeune, P. (2014). *O pacto autobiográfico*. Humanitas.
- Lima, N.L. de, & SANTIAGO, A. L. B. (2010). O diário íntimo como produto da cultura moderna. *Arquivo Brasileiro de Psicologia* [online], 62(1), 22-34. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v62n1/v62n1a04.pdf>
- López, G., & Ciuffoli, C. (2012). *Facebook es la mensaje*. La Crujía Ediciones.
- Martino, L. M. S. (2016). De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. *Revista Parágrafo*, 4 (1) 41-49. <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/377/376>
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, (10), 7-28. <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>
- Piccinin, F. Q. (2012). O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo. In Piccinin, F. Q.; Soster, Demétrio de Azeredo (Orgs.). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Edunisc.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>
- Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212. <http://www.pgdf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20caprarao%202.pdf>
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Sulina.
- Rudin, S., Luca de, M. (Produtores), & Fincher, D. (Diretor). (2010). *A Rede Social* [Filme]. Columbia Pictures.
- Santiago de Sá, A. B., & Heller, B. (2018). Fanpages de viagem – Uma análise sobre o Facebook como suporte da memória coletiva. *Novos Olhares*, 7(1), 33-43. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2018.137220>
- Silva, G. F. da. (2016). A memória coletiva. *Revista Aedos*, 8(18), 247–253. <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/59252>
- Squire, C. (2014). O que é narrativa? *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 14(2), 272-284. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17148>